

Agostinho
para todos

STEPHEN A. COOPER

Agostinho
para todos

Ilustrações de Ron Hill

Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes

ultimato 

VIÇOSA|MG

AGOSTINHO PARA TODOS

Categoria: Biografia / Teologia / Vida Cristã

Copyright © 2002 por Stephen A. Cooper

Ilustrações © 2002 por Ron Hill

Publicado originalmente por Westminster John Knox Press

Título original em inglês: *Augustine for Armchair Theologians*

Primeira edição: Novembro de 2019

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Francisco Nunes

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Ana Cláudia C. Nunes

Ilustração de capa: Ron Hill

Para os trechos das *Confissões* de Agostinho, foi utilizada a tradução de Almiro Pisetta (Editora Mundo Cristão, 2017), até o livro 10, com ocasionais ajustes para corresponder à versão do original em inglês. As demais citações de Agostinho foram traduzidas diretamente do inglês.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

C776 Cooper, Stephen A.

Agostinho para todos / Stephen A. Cooper ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2019.

216 p. ; 21 cm.

Título original: *Augustine for armchair theologians*.

ISBN 978-85-7779-197-2

1. Cristianismo. 2. Reflexões. 3. Fé e razão. 4. Filosofia e religião. I. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. II. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. III. Título.

CDD 189.2

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

Sumário

Agradecimentos	7
Introdução: Afinal, quem é Agostinho?	9
1. Começos frágeis	21
2. Adolescente apaixonado	45
3. Um jovem por conta própria	57
4. Um professor profissional	77
5. Deixar para trás	85
6. Estagnado: objetivos terrenos de uma alma em sofrimento	99
7. Luz sobre luz: contato com os livros dos platônicos	115
8. Conversões que convertem	133
9. Mortes e uma nova vida	153
10. Confissões sem fim	169
11. O bispado	185
Conclusão	209
Leitura complementar	213

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer a muitas pessoas que contribuíram de várias maneiras para este livro: a Donald McKim, meu paciente e prestativo editor da série “Armchair Theologians”, da Westminster John Knox Press; a meu pai, Burton Cooper, que leu e revisou com esmero o rascunho, fazendo uma série de intervenções para impedir minha verbosidade e lapsos ocasionais de elegância; e, finalmente, a minha esposa, Kabi Hartman, e a minha filha, Eva Emanuela, que me veem um pouco menos por causa de minhas atividades como escritor.

STEPHEN COOPER
Lancaster, Pensilvânia
Janeiro de 2002



INTRODUÇÃO

Afinal, quem é Agostinho?

O NOME de Agostinho suscita o tipo de reconhecimento que normalmente é marca de grande fama ou grande notoriedade. Seus livros, particularmente as *Confissões* e *A cidade de Deus*, continuam sendo lidos. Mas a maioria dos que lhe conhecem o nome nunca leu, de fato, os textos de Agostinho. O reconhecimento do nome, no entanto, tem seu preço: a vida de Agostinho reduz-se a uma caricatura na mente de alguns. Ele recebe o título de “santo”, mas esse título pode ter um aspecto negativo. Aqueles que reagem favoravelmente ao seu nome, em geral, consideram o bispo Agostinho como um cristão exemplar, que dedicou grande parte da vida ao serviço de Deus, de Cristo e da igreja. Outros recebem

o nome com desagrado, como se sentissem algo desagradável nele. Agostinho é descrito como uma figura austera e medonha, cuja contemplação demorada dos próprios pecados levou-o a olhar sem misericórdia para a alma dos outros e condená-los duramente pelos erros que cometeram.

Esta ideia de Agostinho como um homem que inspirava medo não poderia ser diferente de um de seus maiores papéis na história da teologia cristã: defensor da graça de Cristo, a dádiva redentora de Deus para uma humanidade impertinente e rebelde. Contudo, há aspectos da visão de mundo de Agostinho que são estranhos para nós. Uma vez que era de um mundo e de um tempo diferentes, Agostinho foi um homem de seu tempo e de seu mundo, tanto quanto nós somos filhos de nosso tempo e de nosso mundo, presos aos cuidados e às distrações de nossa geração. Ele escreveu tantos livros e falou sobre tantas áreas diferentes da vida de um ponto de vista tão claro que seus escritos, de fato, contêm itens inadmissíveis para várias pessoas por uma série de razões. A questão de sua “santidade”, no entanto, é um tema diferente. Para aqueles cuja igreja se refere a ele como tal, ele é um santo. Não se trata da opinião de ninguém.

Sejam quais forem nossas ideias preconcebidas sobre Agostinho, ele é reconhecido por toda parte como um pensador que sondava as profundezas da alma humana – embora o resultado seja muito discutido e, às vezes, controverso. Mas uma coisa é clara: Agostinho foi pioneiro na área que Sigmund Freud, mais tarde, mapearia de modo profundo e muitas vezes precipitadamente rejeitado. Como no caso de Freud, as pesquisas de Agostinho sobre os recônditos da mente humana eram estimuladas pela própria necessidade de aceitar a si mesmo. *Confissões* é uma odisseia da alma, a história de peregrinação de uma pessoa por esta vida. Agostinho conta sua odisseia por meio de uma espécie particular de narração autobiográfica: uma confissão, a história de uma conversão a Deus. O interesse em Agostinho, então, é um claro sinal de que a pergunta acerca do eu ainda é feita em sentido teológico. Uma investigação teológica sobre a natureza do eu sempre deixa em dúvida aqueles

que questionam, pois ser uma pessoa, teologicamente falando, significa ser uma pessoa diante de Deus.

Agostinho atrai aqueles para os quais a noção de um universo onde o indivíduo pode se perder e encontrar o caminho novamente provoca uma sensação familiar, embora às vezes desconfortável. As experiências de Agostinho, independentemente de sua base intelectual, falam uma linguagem comum. Se você já provou a sensação de estar perdido na floresta ou em uma cidade estranha, então, também sabe como é um alívio reencontrar o caminho. A sensação de ter-se perdido e depois encontrar o caminho novamente é o acorde dominante, em tom de gratidão, das *Confissões*. Os treze capítulos deste livro, que poderiam ser mais bem traduzidos como *Conversas*, são a voz da alma de um homem voltada para Deus, uma voz que, ao mesmo tempo, clama a outras almas que também estão diante de Deus. Nessa obra original da literatura mundial, Agostinho mostra que ser significa ser de Deus, estar orientado a Deus e ser levado a Deus por Deus.

A RELEVÂNCIA DE AGOSTINHO

Ó Senhor, nosso Deus, “sob a proteção de Tuas asas nos escondes” (Sl 17.8); protege-nos e carrega-nos. Tu nos carregará quando somos pequenos e até “mesmo na velhice quando tivermos cabelos brancos” (Is 46.4); pois quando Tu és a nossa firmeza, então ela é vigor, mas quando ela depende de nós, é fraqueza. Nosso bem subsiste em Ti, e, quando dele nos afastamos, somos desvirtuados. Vamos agora, Senhor, retornar, para não sermos transtornados, porque em Ti subsiste nosso bem que não se deteriora, o bem que és Tu. Tampouco devemos temer que não haja para onde retornar por termos renegado o bem; pois durante nossa ausência a nossa mansão, a eternidade, não ruiu. (*Confissões*, livro 4, 31)

Convém dizer “faze com que não tenhamos medo” para as pessoas firmemente convencidas de tudo o que Agostinho diz aqui! Mas tudo isso pode ser um pouco de exagero para aqueles que

se empenham em se apegar à ideia de Deus de fato, para aqueles cuja consciência é oprimida pelos flagelos da modernidade. Se não formos plenamente capazes de ouvir uma voz clara e distinta chamada Deus, nem estivermos plenamente dispostos a isso, por que as experiências de um bispo cristão do mundo romano tardio falaria ao nosso mundo? Como a maneira pela qual Agostinho compreendia Deus, totalmente condicionada por seu contexto histórico, pode ter tanto significado para nós que estamos igualmente, embora de maneira diferente, envolvidos por nosso próprio condicionamento cultural? Afinal, nossa cultura não forma o meio pelo qual todas as nossas concepções linguísticas de significado morrem ou sobrevivem? Os elementos que nos separam dele, abrangendo o espaço de mais de 1.500 anos, são inúmeros. Consideremos, por exemplo, a questão de encontrar semelhança entre a experiência de Agostinho na conversão e nossas experiências religiosas. Quantos de nós abrem mão da carreira justamente quando começam a vislumbrar um sucesso há muito esperado? Quantos, ao mesmo tempo, lançam fora para sempre a esperança de se juntar a outro ser humano no sentido mais pleno e mais íntimo de todos? E, no entanto, essas duas renúncias fizeram parte da conversão de Agostinho – ou parte de sua firme conversão ao cristianismo católico, porque ele vivia uma vida que implicava mais do que algumas conversões significativas.

Paradoxalmente, a conversão de Agostinho, por mais estranha que possa ser ao nosso próprio modo de religiosidade, é o fio de ouro que tece a conexão entre dois mundos muito distantes e diferentes. Pois a noção de conversão – uma mudança fundamental da pessoa como um todo por meio da qual ela se torna diferente e, no entanto, de algum modo, passa a ter mais de seu verdadeiro eu – é uma experiência universal. Encontramos esse tipo de experiência em muitas culturas sob os auspícios de diversas cosmovisões religiosas ou filosóficas. Igualmente universal e verdadeiramente humano parece ser o desejo de comunicar essa mudança aos outros: o eu transformado tenta alcançar um mundo curioso de modo a

encontrar, ou criar, um público que esteja disposto. O título que Agostinho deu a sua maior obra – as *Confissões* – se tornou um exemplo e criou um gênero literário. As *Confissões de fulano* são uma mercadoria bem compreendida: alguma coisa sobre fulano será revelada nas páginas daquele livro. E o que poderia ser mais irresistível do que a vida pessoal de alguém?



Mas o que há na vida de Agostinho que possa nos interessar? A maioria de nós não tem como destino a vida de pastor, nem escreveremos tantos livros como Agostinho ou no envolveremos em tantas controvérsias teológicas como ele. Então, o que nos interessa? O que Agostinho mostra que chama nossa atenção, que vale a pena observar várias vezes? A melhor resposta que tenho para essa pergunta é dizer por que li e reli as *Confissões* – e